

**AUTOFORMAÇÃO DE EDUCADORES NUMA PERSPECTIVA DE UMA  
FORMAÇÃO CONTINUADA PARA A INTEIREZA: UM INTERESSE DO CENTRO  
UNIVERSITÁRIO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ.**

**SELF-FORMATION OF EDUCATORS UNDER A CONTINUING EDUCATION FOR  
AN ENTIRETY PERSPECTIVE: AN INTEREST OF THE UNIVERSITY CENTER  
SÃO JOSÉ.**

**L'AUTO-ÉDUCATION DE ÉDUCATEURS DANS UNE PERSPECTIVE DE LA «  
FORMATION CONTINUE »  
POUR PLÉNITUDE DE L'ÊTRE: UNE INTÉRÊT DU CENTRE UNIVERSITAIRE  
MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ.**

Izabel Cristina Feijó de ANDRADE<sup>1</sup>  
Leda Lísia Franciosi PORTAL<sup>2</sup>

**RESUMO:** O estudo sobre a Formação Continuada sugere uma reflexão sobre qual o interesse do Centro Universitário Municipal de São José (USJ) no investimento em Formação Continuada, que contemple e enriqueça a autoformação de seus educadores para o desenvolvimento de uma Educação para a Inteira. Essa pesquisa está vinculada ao grupo de Pesquisa EduSer/PUCRS. Das análises emergiram as seguintes categorias: a) Das intenções de Formação Continuada às evidências racionalistas: o desafio de fazer-se educador no caminho vivido; b) Necessidade marcada pelo travessão existencial autoformativo. Enfatizaram os gestores entrevistados, serem oferecidas oportunidades de ações de caráter formal, centradas em capacitações externas e sem consulta prévia ou avaliação posterior dos educadores, chegando alguns depoimentos a alertar sobre a oferta de capacitações com temas que nada acrescentam ao exercício da docência, tornando-se desinteressantes e até desnecessárias.

**Palavras-Chave:** transdisciplinaridade, autoformação, inteireza do ser.

**ABSTRACT:** The study on the Continued Formation suggests a reflection about the interest of the Municipal University Centre of SÃO JOSÉ (USJ) in the investment in Continued Formation, that contemplates and riches the auto-formation of his educators in order to develop an Education for the Entirety of Human Being. Of the analyses the following

---

1 Profa. Dra. do Centro Universitário Municipal de São José (USJ); Cursando Pós-Doutorado (PUCRS). Mestrado em Educação (UFSC). Graduação em Pedagogia (UFSC). Coordenadora geral do ICEP - Instituto de Consultoria Educacional e Pós Graduação. andrade@technologist.com

2 Profa. Dra. da Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutorado e Mestrado em Educação (PUCRS). Pesquisadora do Departamento de Pós-Graduação em Educação (PUCRS). llfp@puers.br

categories had emerged: a) From the intentions of Continued Formation to the rationalistic evidences: the challenge of becoming an educator itself based in the ways experienced through life; b) Necessity marked by the existential auto-formative bar. The interviewed managers had emphasized that had been offered chances of actions of formal character, centered in external qualifications and without previous consultation or posterior evaluation of the educators, some testimonies alerted upon the offer of courses with subjects that add nothing to the exercise of the teaching, becoming uninteresting and even unnecessary.

**KEY WORDS:** transdisciplinarity, self-formation, entirety of human being.

**RÉSUMÉ:** L'étude sur la « Formation Continue" propose une réflexion dans laquelle l'intérêt du Centre Universitaire Municipal de São José (USJ) est de s'investir dans la « Formation Continue ». Celle-ci inclut l'auto-éducation et l'enrichissement de leurs éducateurs à développer une éducation tournée vers la plénitude de l'être. Cette étude est issue de la recherche du groupe EduSer / PUCRS. Les résultats de l'étude ont pu être divisés en deux catégories : a) les intentions de la « Formation Continue » soumises à des preuves rationalistes : le défi de devenir un éducateur en fonction du chemin vécu ; b) le besoin marqué par le tracé existentiel de l'auto-formation. Les résultats ont mis en évidence les différentes personnes interrogées en leur donnant les possibilités de choix par actions de caractère formel, appuyées sur des compétences externes et sans consultation préalable ou évaluation *a posteriori* des éducateurs. Certains témoignages nous avertissent à propos des thèmes qui n'ajoutent rien à la profession d'éducateur, pouvant être inintéressants et même inutiles.

**Mots-clés:** la transdisciplinarité, l'auto-éducation, plénitude de l'être.

## INTRODUÇÃO

As atuais exigências oriundas das reformas educacionais, especialmente as vinculadas a Formação Continuada (FC) dos docentes do Ensino Superior, impõem o desafio de fazermos uma reflexão sobre qual o interesse do Centro Universitário Municipal de São José (USJ), no investimento em FORMAÇÃO CONTINUADA que contemple e enriqueça a autoformação de seus docentes para o desenvolvimento de uma Educação para a Inteireza em suas diferentes dimensões: corpo-mente-coração-espírito para, assim, contribuir com a melhoria da qualidade social do Ensino Superior.

Para tanto, foi necessário analisar os entendimentos de Formação Continuada: nutridos e proporcionados pelos gestores do USJ; avaliar em que possibilidades de ações de Formação

Continuada o USJ vêm investindo; analisar os interesses e contribuições/repercussões dos Programas de Educação Continuada propiciados pelo USJ na construção pessoal (Inteireza) e profissional de seus docentes; oferecer pontos de referência que contribuam com os programas informais e formais de Formação Continuada oferecidos em nível de graduação e pós graduação para contemplarem, em seus currículos, propostas que contribuam para o desenvolvimento das diferentes dimensões – físico, emocional, intelectual e espiritual do docente enquanto Ser Integral.

Essas intenções estão respaldadas pelo Grupo de Pesquisa **Educação para Inteireza: um (re)descobrir-se (EduSer)**, do Programa de Pós Graduação em Educação da PUCRS e acompanhando as pesquisas desenvolvidas pelo mesmo, lanço-me ao desafio dessa pesquisa que traz para reflexão o seguinte questionamento: “É de interesse do Centro Universitário Municipal de São José/SC investir na Formação Continuada seus educadores numa perspectiva autoformativa fundamentada na Educação para a Inteireza?” Esse questionamento é uma extensão da pesquisa do EduSer intitulada “Autoformação de professores numa perspectiva de uma educação para a inteireza: um interesse das IES?”, que está sendo realizada no período de 2012 a 2013.

Essa escolha, por mim assumida, passou a exigir uma reflexão no sentido de repensar a caminhada numa dimensão do educador a partir da humanização, ou seja, dos aspectos humanos que compõem a sua inteireza. Elementos esses próprios da dimensão existencial: interioridade, subjetividade, consciência corporal e espiritual, autoconceito, sensibilidade, amorosidade, articulados num todo *complexus* das dimensões didáticas e experienciais que são constitutivas da vida do educador e que necessitam estar presentes na Formação Continuada.

Esta reflexão sobre a experiência permite perceber a autoformação como um ponto de articulação das diferentes fontes de formação e especificar dimensões: • Uma dimensão experiencial, prática e social que articula o pólo eco e auto graças à formação experiencial; • A dimensão didática que articula o pólo eco e auto graças à formação existencial e formal; • Uma dimensão existencial, que engloba conjunto, porque dá sentido e motivação para aprender (CLÉNET, 2006, p.3).

Essa perspectiva também é sinalizada por Wilber (2006<sup>a</sup>, p. 18), quando afirma que “aqueles que se preocupam apenas com soluções externas estão contribuindo para o problema” da formação de educadores.

Para Clénet (2006, p. 5) as

[...] dimensões existencial, experiencial e didática são fontes de aprendizagem complementares que se articulam as necessidades e situações. A autoformação não é uma prática educativa, porque não é uma ação do formador. É definida como uma ação reflexiva sobre o tema da sua formação em uma abordagem abrangente para construir autoconhecimento e desenvolvimento (CLÉNET, 2006, p. 5).

Essas dimensões inscrevem-se num movimento de transformações profundas na FORMAÇÃO CONTINUADA dos educadores, que relaciono a uma mudança própria de paradigma. Para Silva (2000, p. 26):

A formação deve ser contextualizada, na medida em que está a serviço dos indivíduos e das organizações... pode ser um meio extremamente importante de transformação, porque permite um “olhar” com outro conhecimento, “olhar” que é o produto de uma reflexão que não deixa de fora toda a experiência de vida dos indivíduos que se formam.

Para justificar meu propósito, apoio-me nos significados já evidenciados no projeto de pesquisa do Grupo em que o conceito de Educação para Inteira se expressa como:

[...] uma proposta de autoconstrução do Ser Humano, voltada para interioridade do próprio Eu, redescobrimo-se em suas dimensões constitutivas-social, emocional, espiritual e racional, que desenvolvidas de forma equilibrada são essenciais para a ressignificação de sua dignidade [...] (Enciclopédia de Pedagogia Universitária, Glossário, v. 2, 2006, p. 77).

Nesse contexto, busco dialogar com a “autoformação, que é um componente da formação considerado como um processo tripolar, pilotado por três princípios: si (autoformação), os outros (heteroformação), as coisas (ecoformação)” (GALVANI, 2002, p. 1), sustentada pelos pressupostos da transdisciplinaridade.

Assim, apresento a autoformação como uma possibilidade do caminho que se entrecruza com outros percursos, os quais vão proporcionar uma transformação na Formação Continuada dos educadores a partir da abordagem transdisciplinar. Esta abordagem combina com uma visão global e equilibrada da condição humana de existência, na qual corpo-mente-coração-espírito estão contidos na inteireza do ser. Na verdade, o desafio consiste em:

Estar inteiramente à vontade no corpo e com seus desejos, com a mente e suas ideias, com o espírito e sua luz. Assumi-los inteiramente, plenamente, simultaneamente, uma vez que todos são igualmente manifestações de Um e único saber. Vivenciar a paixão e vê-la funcionar; penetrar nas ideias e acompanhar seu brilho; ser absorvido pelo Espírito e despertar para a glória que o tempo esqueceu de nomear. Corpo, mente e espírito, totalmente

contidos, igualmente contidos, na consciência eterna que é a essência de todo o espetáculo. (WILBER, 2009, p. 61-62).

Nessa perspectiva de conexão corpo-mente-coração-espírito, Portal (2012, p.2), afirma que o desenvolvimento da inteireza, desafia a produção científica e a exigência legal da formação nas IES que se apresentam frágeis e “quase nada vem contribuindo para que o ser humano possa encontrar-se, constituir relações sociais passíveis de reconciliação de si e, conseqüentemente, da sociedade” (p.2).

Os estudos de Tardif (2002), Moraes (2004), Josso (2007) são partícipes da ideia de que o educador precisa ser considerado na sua existencialidade, na sua formação continuada e na sua história de vida, o que legitima a compreensão das bases subjetivas do trabalho profissional dos aspectos humanos que a compõe em sua inteireza. Nesse sentido, considero que a Formação Continuada se apresenta como a religação da educação com o belo, a abundância e a vida, com as dimensões didática, experimental e experiencial.

Discorrer sobre o silêncio, partindo do princípio de que sua existência é muito mais do que uma ocorrência alicerçada no desenrolar comunicativo, apresenta dificuldades que atravessam o seu âmbito conceitual e sua compreensão pelo homem que o toma em suas experiências. (MORAIS, 2010, p.39)

A ideia de ampliar o projeto do Grupo de Pesquisa EduSer para o Centro Universitário Municipal de São José, está atrelado a minha vivência de coordenadora do Curso de Pedagogia, por quatro anos e de Vice Reitora Acadêmica em que percebo a desarticulação entre a FC, os projetos de Pesquisa, Cultura e Extensão executados pelo USJ e, os desejos dos educadores. O que está na contramão da prática formativa continuada proposta por esse grupo de pesquisa, que provoca no pesquisador a necessidade de pensar na conexão corpo-mente-coração-espírito e a profunda cisão entre educação e vida.

Diante das pesquisas realizadas pelo EduSer pode-se afirmar que a Formação Continuada oferecida pela IES, de modo que o educador não encontra sentido de vida alargando a distância entre o que sabe, estuda e pesquisa, num discurso tecnicamente belo e competente, mas nutrido por uma prática diferente da realidade almejada. O que é revelador de frustração, medo, ausência no trabalho e docência sem sentido.

Assim questiono: Teria o educador consciência do seu propósito existencial? Onde ele encontraria alimento para se entusiasmar por sua ação docente? Essas inquietações nos remete

a Andrade (2011) que afirma que a formação dos educadores precisa estar alicerçada, também, nos aspectos humanos, além dos sociais e políticos.

Uma Formação Continuada, centrada nos aspectos humanos, requer um educador que conhece a si mesmo e aos outros e que compartilha um destino comum.

Uma educação que nos ajude a reconhecer e reconhecer a natureza humana que é, ao mesmo tempo, *sapiens* e *demens*, corporal e espiritual, sensível e violenta, aspectos impossíveis de serem percebidos a partir de uma prática pedagógica tradicional, apoiada em um pensamento reducionista e fragmentador da realidade. (MORAES, 2010, p. 16)

Entre outros aspectos, a relevância dessa pesquisa também é o fato de que ela nos alerta para a construção da identidade do educador num movimento de incompletude do saber, pois ele está sempre em busca de algo a mais para compreender o mundo e a ele mesmo. Algo a mais que está presente consciente ou inconscientemente, em suas características mais marcantes: “sensibilidade, abertura, postura, autoconhecimento, abertura ao diálogo, sabe ouvir, dinâmico, confiante de si, reconhece seu potencial e o dos outros. Sabe aceitar seus limites, silenciar, refletir, meditar, caminhar, contemplar.” Além dessas, dispõem de um “potencial espiritual, emocional, intelectual e físico”, que compõe algumas das dimensões constitutivas do ser-sendo educador transdisciplinar (ANDRADE, 2011, p. 115)

A Formação Continuada na perspectiva de Inteira do ser, então direciona a compreensão dos “seres humanos que se autoconhecem e que se percebem enquanto pessoa”, que têm uma abertura maior para entender o outro como igual, mas que entre eles e o outro existem outros espaços, lacunas e pontes que os diferenciam, num movimento antagônico e complementar de inclusão e exclusão. (MORIN, 2003). Suas preocupações são voltadas “para a emoção, a intuição, a espiritualidade e o bem estar físico de todos”. Sua identidade é singular e plural ao mesmo tempo, pois, sem perder sua identidade, só se faz presente, no mundo, com os outros. Além disso, temos a necessidade da Formação Continuada discutir aspectos políticos e sociais da formação e que é bem expressada por Moraes (2007, p.15):

Sabemos que o problema da formação docente passa necessariamente por uma discussão profunda e abrangente que perpassa vários aspectos de extrema importância e que estão relacionados à necessidade de uma revisão significativa nas bases constitutivas dos sistemas educativos, como condição efetiva para um melhor equacionamento da problemática que afeta a formação docente. Passa, portanto, não apenas pelos aspectos pedagógicos, mas também pelas condições de trabalho, de emprego e pela deterioração salarial entre tantas outras variáveis importantes. O Pensamento Eco-Sistêmico, fundamentado na complexidade, exige o repensar a docência de um modo mais articulado, integrado e competente.

Os resultados evidenciados na Pesquisa Universal (EduSer-CNPq), também utilizada como inspiradora desse projeto, apontam que a FORMAÇÃO CONTINUADA oferecida pelas IES participantes, estão relacionadas “muito mais a uma exigência externa de avaliação institucional do que o interesse para a atendimento a uma necessidade sentida, reconhecida muito mais pelo investimento as dimensões cognitiva/intelectual, em detrimento das demais: física, social, emocional e espiritual” (PORTAL, 2012, p.15)

Essa perspectiva nos faz pensar sobre o Centro Universitário Municipal de São José/SC e evidenciar o que foi oportunizado e incentivado aos seus educadores em seus sete anos de existência. Estamos imersos num contexto de Formação Continuada em que o educador tem que tomar decisões significativas e criativas e que, em sua didática, a pesquisa transpareça como foco essencial, reconhecendo-se na complexidade do mundo.

Sabemos que as respostas não são fáceis e nem podem ser superficiais, tendo em vista a complexidade e a abrangência de sua tarefa formativa, formadora e, potencialmente, transformadora. Mas, independente das dificuldades apresentadas, precisamos avançar neste sentido e colaborar para que a luz se faça presente, dentro das limitações pessoais e institucionais que caracterizam as zonas de sombras que, hoje, tanto afetam a educação. (MORAES, 2007, p. 18)

Isso equivale dizer que não basta introduzir alguns conceitos novos nos conteúdos abordados na FC, mas implica “mudança de pensamento” (GALVANI, 2008), tanto da IES quanto dos educadores e gestores envolvidos. Morin (2006a), Wilber (2007b) e Galvani (2008) vêm propondo, às IES adormecidas, outro modo de perceber a Formação Continuada.

A maior parte dos problemas humanos e, especialmente os da educação, da aprendizagem e da formação são problemas vagos e complexos. Estudando a compreensão interpessoal, a motivação para aprender, ou a dinâmica de um grupo de aprendizagem, percebe-se que se trata de problemas cuja solução é sempre ambígua, contendo um pouco de paradoxo dialógico ligado à autorreferência dos sujeitos e à sua interdependência com o meio ambiente. (GALVANI, 2008, p. 3).

A Formação Continuada, enquanto dimensão integral, produz um sentido coerente ao longo de toda a vida do educador por meio das múltiplas interações com o outro e que nos liga ao nosso contexto. “Essas múltiplas interações estão presentes também nas dimensões **existencial, experimental e didática** que compõem a vida do educador como uma ação reflexiva para a construção do autoconhecimento” (ANDRADE, 2011, p. 118).

Essa ideia é corroborada por Clénet (2006, p. 5) quando afirma que:

(...) dimensões existencial, experiencial e didática são fontes de aprendizagem complementares que articulam as necessidades e situações. A autoformação não é uma prática educativa, porque não é uma ação do formador. É definida como uma ação reflexiva sobre o tema da sua formação em uma abordagem abrangente para construir autoconhecimento e desenvolvimento. (CLÉNET, 2006, p. 5).

Sobre esse assunto, ressalto que a Formação Continuada estabelece uma relação direta com sua existência. Nessa direção, as dimensões que complementam na vida do educador são percebidas e relacionadas, legitimando-se, também, a própria Formação Continuada a partir de retroalimentações conscientes que compõem a inteireza do ser. Essa ampliação da consciência do IES proporciona aos educadores a abertura, o rigor e a tolerância para *ser-no-mundo-com-os-outros*.

## **METODOLOGIA**

A abordagem qualitativa sustenta esta pesquisa e dá clareza no caminhar. Um caminhar que parece levar uma atividade orientada à maior compreensão dos fenômenos educacionais, entre eles, a autoformação do educador, na perspectiva transdisciplinar para a inteireza do ser. Nesse posicionamento buscamos estruturar interpretações provisórias visando uma construção possível e viável para a minha caminhada. Tenho consciência de que a pesquisa, sendo uma atividade humana integral, carrega, portanto, valores, desejos, interesses, que emergem de minha própria experiência, tornando indiscutivelmente uma pesquisa qualitativa, como nos afirma (MORAES, 2006, p.147).

O observar, o aprender e o conhecer são fenômenos biológicos, que se confundem com a própria dinâmica da vida e, neste sentido, o sujeito cognoscente participa com toda a sua inteireza, com todas as suas emoções, sentimentos, intuições e afetos. Participa também com suas histórias de vida, sem separar o fato da fantasia e o passado do presente e do futuro. Todo conhecimento gerado na pesquisa depende sempre da relação sujeito-objeto, condição inaceitável para o paradigma tradicional, que concebia o sujeito separado do objeto do conhecimento. Assim, todo pesquisador está implicado no seu projeto de pesquisa. Consciente ou não, ele está estruturalmente acoplado em termos de energia, matéria e informação(...).

Nesse sentido, Minayo (2006), afirma que a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, aprofundando-se no mundo dos significados, das ações e das relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

Assim, a estratégia metodológica compreendeu uma etapa exploratória em que se procurou ter acesso ao campo de investigação junto ao USJ, intencionalmente escolhido, do qual buscamos obter informações a respeito dos possíveis participantes da pesquisa (gestores de FC, Vice-Reitores administrativos e acadêmicos, coordenadoras de Curso e possíveis Gestores de Centros Específicos de Educação Continuada).

Para a presente etapa foram previstos o contato com os participantes da pesquisa do USJ, para apresentação do projeto e assinatura de Consentimento Livre Informado, em caso de aceite, o agendamento das entrevistas individuais com os participantes do estudo. Os participantes relacionados se constituíram de cinco profissionais que aceitaram participar da pesquisa.

Outra etapa foi a de campo, em que optamos realizar um levantamento bibliográfico da fundamentação teórica que auxiliou na compreensão da problemática abordada nessa pesquisa. Essa revisão foi objeto de debate e discussão ao longo da pesquisa junto ao Grupo de Pesquisa EduSer, envolvendo seus participantes.

A análise dessa literatura buscou, também, identificar e aprofundar conceitos centrais que emergiram durante o processo de investigação: Instituição de Ensino Superior, Educação Continuada, Autoformação e Educação para a Inteireza para se pensar uma epistemologia em que as experiências de vida venham a contribuir no sentido de uma saber viver a própria existencialidade.

Foram realizadas as entrevistas semi-estruturadas para perceber as compreensões e trajetórias do USJ, em suas ofertas de FORMAÇÃO CONTINUADA propiciadas aos seus educadores e como percebem integrar essas ofertas em suas experiências de vida pessoal/profissional em direção a uma autoformação que contemple seu Ser de Inteireza, deixando perceber no exercício de suas práticas docentes. Para analisar os dados, utilizamos o respaldo teórico de Moraes e Galiazzi (2007) porque tal ferramenta propicia a possibilidade de analisar partes do texto disponíveis, sem perder a visão do todo. Dessa análise emergiram as seguintes categorias:

- **Das intenções de Formação Continuada às evidências racionalistas: o desafio de fazer-se educador no caminho vivido**
- **Necessidade marcada pelo travessão existencial autoformativo.**

Essas duas categorias emergentes marcam a trajetória de uma gestão pautada no modelo cartesiano de se fazer-se homem, sem levar em conta desejos individuais de auto realização dos educadores. Isso nos revela uma relação adversa entre o proposto pelos gestores do USJ e os interesses dos educadores. O que também evidencia que a Formação Continuada se configura como um caminhar na contramão da complexidade.

No entanto, vamos deixar mais claro nas análises, mesmo que provisoriamente, as principais ideias e conceitos que os gestores do USJ têm sobre a Formação Continuada.

### **1. Das intenções de Formação Continuada às evidências racionalistas: o desafio de fazer-se educador no caminho vivido**

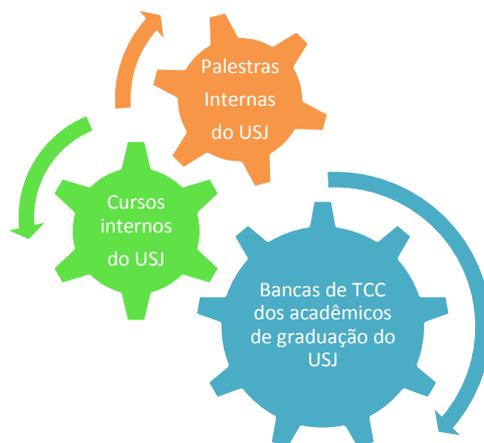
Essa pesquisa apresenta que é viável e possível a construção de uma proposta de Formação Continuada em que a abordagem transdisciplinar, a autonomia, a alternância, a parceria e a competência dos educadores estejam presentes em todas as ações desenvolvidas no USJ. No entanto, o processo vivenciado tem raízes racionalistas com fortes zonas de resistência por parte dos gestores.

A necessidade da abordagem transdisciplinar, que contemple integralmente os processos de Formação Continuada dos educadores do USJ, nos impulsiona a perceber o conhecimento como uma construção/reconstrução sistêmica que leva em conta a relação tripolar: auto-hetero-ecoformativa. No entanto, os gestores entrevistados, em sua maioria, revelam que os propósitos pensados no USJ têm base sólida na visão neoliberal. Essa evidência se explica pelas ofertas propiciadas no USJ de Formação Continuada e que foram explicitadas pelos entrevistados: “Nós da reitoria oferecemos vários Cursos (Semestral), Seminários (Anual), Palestras (Semestral), e participação em Congressos (Bienal). Esse é um exemplo razoável de atualização e capacitação docente, pois muitos que aqui vem trabalhar têm outra profissão e vêm ampliar a sua função no período noturno. Não investimos muito nesses educadores”.

Ao mesmo tempo, que isso ocorre, podemos ressaltar que o projeto neoliberal implementado pelas políticas públicas trata a formação continuada como algo simplista e

fragmentado, tornando o professor vulnerável e com baixo prestígio (MACIEL, 2004). Essa diversidade de profissionais apontada pelo entrevistado, que se vinculam à docência superior é bastante retratado pelos estudiosos da área (PIMENTA; ANASTASIOU, 2005; MELLO, 2007) e confirmam a tese de que, muitas vezes, a prática docente é exercida como uma atividade secundária. Mas, será que alguém já os ouviu para saber se realmente esse é o propósito deles? Alguns entrevistados afirmam que: “Minha participação nas organizações da Formação Continuada aconteceram apenas como colaboradora, não fui consultada. O que percebi é que essas ações foram oferecidas com profissionais de renome, (...) mas o que faltou foi uma pesquisa de satisfação junto aos docentes, para saber suas necessidades ou o que perceberam do curso, para a próxima Formação Continuada ficassem mais em sintonia com o que os docentes almejavam”. “O investimento nos educadores é muito pouco”; “O que temos são fragmentos de Formação Continuada que podem ser sintetizados como pequenas capacitações e investimentos que não incentivam os educadores”.

Diante desses três depoimentos e buscando nos entrevistados pistas de investimentos na Formação Continuada dos educadores no USJ temos a seguinte engrenagem (Figura 1):



Fonte: Elaborado pela Autora, 2013.

Figura 1: Investimentos na Formação Continuada

Essa engrenagem evidencia que os investimentos ainda estão vinculados às questões externas ao educador e, mesmo assim, atividades de participação em seminários, congressos, grupos de estudos, projetos de extensão, de cultura e pesquisa não aparecem como relacionados à Formação Continuada.

É importante ressaltar que alguns dos gestores do USJ reconhecem a importância da Formação Continuada como forma de valorização docente, mas não têm autonomia para

desenvolver, implementar ou consolidar uma política de FC, na busca de promover a melhoria da qualidade das funções de ensino, pesquisa e extensão, como o depoimento revelado por um dos entrevistados: “Eu entendo que a Formação Continuada oferecida aqui no USJ para educadores é como um processo que está para começar. O próprio conceito de Formação Continuada ainda não foi questionado, nem mesmo refletido pela comunidade acadêmica, e está muito distante dessa noção de riqueza humana que comporta a inteireza. (...) Geralmente, é um evento que consiste de uma palestra, mas apesar do nome FC, ele não tem uma ligação mais pedagógica do que se entenderia por FC, na realidade está mais próximo de uma atividade de abertura de semestre. Nesse sentido, o USJ ainda tem que refletir sobre essa noção de Formação Continuada para que ela possa germinar, porque a semente ainda não se abriu”.

[...] a formação continuada de professores pode ser um dos fatores da criação de novas formas, de novas possibilidades, que permitam aos docentes repensarem ou ressignificarem a sua prática educativa, visando dotá-la de um novo sentido para as suas vidas e para as vidas dos seus alunos. Partindo desses princípios, então, o desvendamento da ocorrência do processo de formação continuada dos professores universitários torna-se importante na medida em que permite conhecer os fatores que dificultam e possibilitam tal processo, e nos propicia apontar alternativas que, em nossa opinião, podem levar os professores, a querer utilizar os meios disponíveis – os fatores possibilitadores – com o objetivo de concretizar ações docentes realmente humanizadoras (ROSEMBERG, 2002, p. 58).

A postura humanizadora se aproxima da perspectiva defendida nesse artigo, que é noção de autoformação que se trata de um processo que inclui articulação retroalimentada entre dimensões cognitivas e emocionais, individuais e coletivas, pessoais, materiais e culturais, procedimentais e atitudinais, críticas e valorativas das próprias capacidades, habilidades, recursos e limitações.

Para Ferreira (2005) abordar a construção e o desenvolvimento do conhecimento dentro da cultura neoliberal já instalada é o desafio que a Universidade terá que enfrentar para encontrar novos modos de produzir ou lidar com o conhecimento transdisciplinar, estes são bem diferentes dos adotados pelo processo neoliberal, pois percebemos que os educadores e o mundo se integram, se influenciam e se modificam num movimento recursivo, holográfico e sistêmico. Essa perspectiva vem ao encontro de um dos depoimentos dos entrevistados: “A compreensão de ser humano nesta dimensão é a compreensão de ser humano de uma perspectiva que vai fundamentar uma ideia de Formação Continuada bem mais radical, vai

pensar o ser humano na sua concepção integral. Eu diria que o modelo que está sendo utilizado no USJ é um modelo quase neoliberal que pensa o ser humano na dimensão racional, corpo e mente, no sentido de priorizar apenas a contribuição meramente racional, em um sentido mais instrumental” e completamos, de sobrevivência.

Ferreira (2008) nos alerta sobre como a Universidade deve se comportar nos dias atuais, pois não basta repensá-la a partir de velhos paradigmas. O emergencial é buscar fundamentos novos, adequados ao nosso viver, que tragam em si a promessa de possibilidades futuras reais, capazes de reconstrução do Mundo, voltadas para a inteireza do ser. No entanto, no USJ as iniciativas se fortificam institucionalmente: “por conta dessa visão exclusivamente neoliberal do ser humano, adotada inconscientemente pela nossa cultura e instaurada na nossa organização institucional, a dimensão racional é privilegiada e viria em primeiro lugar; em segundo lugar, a dimensão social uma vez que somos uma instituição pública; em terceiro lugar essa dimensão emocional porque, por mais que se privilegie esse aspecto racional, o ser humano interage de modo emotivo com seus semelhantes e na prática docente isso é inevitável, já que não tem como ser um robô dentro de sala e, em último lugar, estaria essa dimensão mais espiritual por conta das perspectivas da maior parte dos cursos focados exclusivamente na formação de um profissional valendo-se de um modelo onde o espiritual ficaria como uma opção do âmbito privado”. Diante desses relatos, evidenciados, podemos considerar, mesmo que provisoriamente, que o interesse e a repercussão da Formação Continuada oferecida no USJ pelos gestores, está na contramão dos interesses docentes, que desejam uma Formação Continuada que abarque seus desejos pessoais e profissionais.

Nessa direção, afirmamos que o USJ precisa se empenhar na tentativa de encontrar um sentido para a sua ação, o que exige a ousadia de voltar-se à pesquisa e à extensão que ainda encontram-se deficitária, como revelado em uma das entrevistas: “Ainda deficitária, pelo pouco comprometimento dos docentes em comparecer e apoiar as formações oferecidas todos os semestres. De tal forma que seria um momento para sugerir novos métodos, e ajudar na construção de uma formação continuada sólida e motivadora dentro da instituição”.

Esse depoimento evidencia, também, a necessidade de se pensar o USJ “como sendo algo que os educadores fazem, pensam e constroem para si mesmos”. Constituindo-se, junto com os educadores, num movimento complexo. Temos, então, a complexidade do sistema universitário que busca junto aos seus educadores reconhecer suas necessidades, ficando mais em sintonia com todos.

Para Moraes (2008, p. 214), a complexidade da formação continuada “se apresenta como um antídoto ao pensamento reducionista, único e verdadeiro no trato dos objetos do conhecimento”. Mas, essa visão complexa exige dos gestores uma abertura às ações de Formação Continuada que leve em conta todas as dimensões aqui discutidas.

Tanto Pineau (2004) quanto Nicolescu (1999) afirmam que a formação continuada se faz presente na vida do educador de forma tripolar, constituída por processos de autoformação, de heteroformação e de ecoformação. Temos consciência de que a realidade é complexa e diversificada, por isso não poder ser compreendida apenas por partes separadas, mas numa relação sistêmica em que tudo ocorre de forma integral, e ao mesmo tempo, unificada. Para que ocorra a Formação Continuada baseada na transdisciplinaridade é preciso que se resgate os valores, desejos dos educadores que foram esquecidos no decorrer dos séculos e se transcenda de forma sistêmica para o olhar de incompletude do conhecimento. Surge, então, a necessidade de estimular, junto aos gestores do USJ, o desenvolvimento das dimensões social, emocional, espiritual e racional, sempre acolhendo a exclusão e a inclusão como processos antagônicos e complementares. Para um dos gestores: “O ser humano ainda é pensado como um mero detentor de conhecimento que vem colado em um diploma e que vai assumir determinada função para contribuir com aqueles conhecimentos meramente racionais. Apesar do ser humano ser pensado assim, ele é cobrado nas outras dimensões porque quando a aula não dá certo, quando ele começa a ter dificuldade, tanto pedagógica como em suas relações sociais. Na realidade, sacrifica-se esse professor sem levar em consideração essas dimensões mais profundas, mas cobrando todos os resultados delas”.

Essa ideia exposta nos remete a questionar a valorização dos educadores do USJ e remete à discussão de Arroyo (2000) que afirma que a desvalorização do educador e a luta por salários, carreira digna, estabilidade financeira e condições de trabalho vêm acompanhando sua trajetória. Essa luta é “a defesa e a afirmação de um ofício que foi vulgarizado e precisa ser recuperado sem nos arrepender do que fomos outrora, porque ainda somos” (ARROYO, 2000, p. 23). Essa relação presente/passado/futuro na vida do educador do USJ revela que são poucas as iniciativas propostas pela gestão: “existem iniciativas de uma tentativa de ampliação nesse sentido, nas atividades de extensão e de pesquisa, mas isso ainda é muito pouco. Isso não vai poder mostrar que existe uma política institucional focada na dimensão social, na dimensão emocional ou a dimensão espiritual, porque o ser humano não é pensado nessa dimensão total”.

A Formação Continuada proposta nessa pesquisa não deve limitar-se aos cursos de curta duração oferecidos semestralmente pelo USJ, mas todas as possibilidades didáticas, existenciais e experienciais da vida do educador do USJ, pois segundo Mizukami (2002, p.27), esses cursos “alteram apenas de imediato o discurso dos educadores, e muito pouco contribuem para uma mudança efetiva”. Essa perspectiva vem ao encontro do depoimento de um dos gestores entrevistados: “Alguns educadores querem sair para apresentar trabalhos científicos, participar de congressos e tudo é muito difícil. Ou não tem verba, ou não se tem disposição para ajudar. Isso sempre ficou muito evidente pelas desculpas que são dadas aos educadores. Os critérios não são claros. Só se participa se for do interesse do grupo gestor. Esse tipo de atitude enfraquece o capital intelectual do USJ que são os educadores”.

Assim, Formação Continuada deve preservar os aspectos pessoais pelas áreas de conhecimento do educador, mas precisa envolver também o aprimoramento das técnicas pedagógicas de ensino e as necessidades da instituição. Além disso, é essencial o incentivo e a valorização por parte do USJ, dos educadores que se interessem pela FC, para que o número de adeptos aumente gradativamente.

As universidades devem propor a formação sob uma perspectiva que integre duas dimensões: programas e atividades de formação, que devem ser interessantes, e ao mesmo tempo, ter repercussões benéficas para os professores em relação ao reconhecimento institucional. (ZABALZA, 2003, p. 151)

Não basta contemplar na Formação Continuada a área de conhecimento do educador se, na prática, ele não consegue fazer com que seus acadêmicos atinjam o objetivo desejado por sua disciplina. A essência está em perceber o objetivo das técnicas de ensino-aprendizagem em relação ao que se ensina, como se ensina e como se aprende. Essa ideia vem corroborar com o que Zabalza (2003, p. 156) propõe quando afirma que “o importante é saber cada vez mais como os alunos aprendem para poder facilitar, orientar e melhorar, na medida de nossas possibilidades.”

É certo que os investimentos em programas de formação de curto e de longo prazo, como mestrado e doutorado, acabam tendo menos eficácia prática, mas envolvem além do reconhecimento acadêmico, as técnicas de pesquisa. Ambos de fundamental importância para a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão. A FC, então, deve contemplar também a interação entre teoria e prática, nesse sentido, Zabalza (2003, p. 166) defende que as novas

modalidades de formação giram em torno da ideia de reflexão sobre a prática e a vinculação real entre teoria e prática profissional.

Essa interação não deve limitar-se à sala de aula, deve envolver também, atividades externas ao USJ, com parcerias que agreguem valores para a instituição, para os docentes e alunos, como afirma um dos entrevistados: “temos possibilidade de oferecer ao corpo docente e técnico da instituição alternativas para o aprendizado contínuo, de forma que todos exerçam suas atividades profissionais e suas potencialidades com efetividade”.

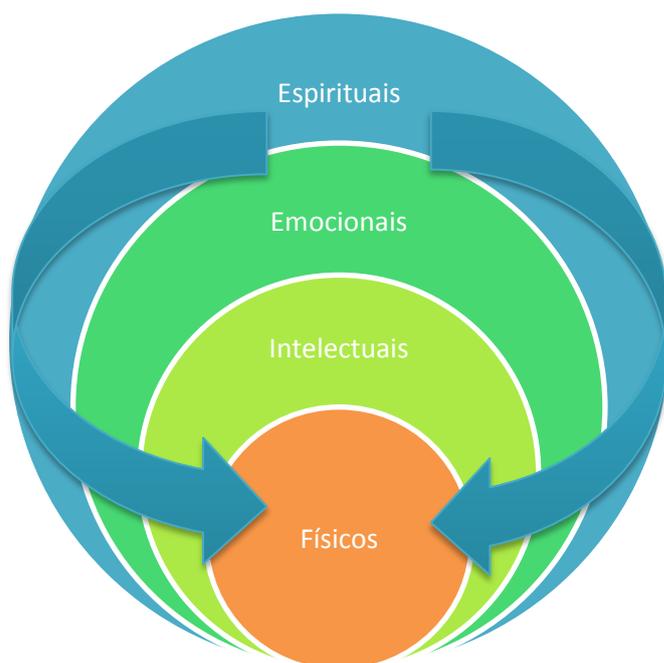
Assim, os programas de Formação Continuada oferecidos pelo USJ, necessitam abranger as necessidades reais dos educadores e da instituição em si, e ambos devem caminhar juntos na busca de melhora da qualidade no ensino superior. Os investimentos em programas de Formação Continuada devem existir a partir de uma política de qualidade compromissada com as disciplinas oferecidas no curso, os desejos pessoais e profissionais dos educadores, motivo pelo qual ele é mediador, revelando a “dupla competência: a competência científica, como conhecedores fidedignos do âmbito científico ensinado, e a competência pedagógica, como pessoas comprometidas com a formação e com a aprendizagem de seus estudantes”. (ZABALZA, 2003, p. 169)

Nesse sentido, a Formação Continuada tem o foco não só a atualização de conhecimentos específicos em cada área de conhecimento, mas, também a busca de técnicas de ensino-aprendizagem que estejam presentes no Projeto Político-Pedagógico do USJ, pois, só assim serão trabalhados com interesse e seriedade, sem abraçar interesses individuais de grupos isolados.

## **2. Ponto de referência para a Formação Continuada: a Necessidade marcada pelo travessão existencial autoformativo:**

Das discussões atuais sobre a Formação Continuada emergem a necessidade de um paradigma inovador e sistêmico (BOAVENTURA SANTOS, 1989; CAPRA, 1997, 2002; MORIN, 2002), que busca uma relação complexa com a própria existencialidade dos educadores. Essa relação envolve as dimensões didática, experiencial e existencial. Nesse sentido, Zabalza (2004, p.144) complementa: “o exercício da profissão docente requer uma sólida formação, não apenas nos conteúdos científicos próprios da disciplina, como também nos aspectos correspondentes a sua didática e ao encaminhamento das diversas variáveis que caracterizam a docência”.

Assim, o educador universitário coloca-se numa atitude intencional e libertadora da vida e do conhecimento. Essa tomada de consciência (metacognição) da circularidade vida-educação-autoformação não é espontânea. É necessário fazê-la emergir na construção do autoconhecimento como parte do desenvolvimento sócio cognitivo e afetivo do adulto. Por isso, a necessidade de abarcar na FORMAÇÃO CONTINUADA os desejos dos educadores, como nos apresenta um dos gestores: “Eu vejo um pouco mais de investimento por parte dos professores naquelas atividades que estão ligadas à pesquisa, às orientações dos projetos, às produções do ponto de vista acadêmico, nos grupos de estudos, na participação em bancas, nesse tipo de atividade. Isso tem demonstrado um pouco mais de investimento, de energia, de desejo e entusiasmo. Até porque não são coisas impostas, mas estão vinculadas às suas próprias necessidades pessoais e profissionais.” Esse depoimento, juntamente com fragmentos emergentes, na pesquisa como um todo, nos pontuam referencialmente a necessidade de um programa de Formação Continuada que contemple todos os aspectos humanos (Figura 2):



Fonte: Elaborado pela Autora, 2013.

Figura 2: Formação Continuada/Aspectos humanos

Quero acentuar que buscamos entender a Formação Continuada como uma construção do conhecimento que não resulta apenas de experiências trazidas de fora para dentro, de exigências externas, mas de dentro para fora, do próprio educador, a partir de seus interesses,

de suas necessidades, de seus valores, imaginação, intuição, crenças, saberes, vinculando-se às suas próprias experiências, como relata outro gestor: “aqueles que participam das formações promovem a interação, o compartilhamento de conhecimento e a troca de experiências. É evidente que os profissionais que buscam constantemente sua autoformação, se assim posso dizer, estão em permanente aperfeiçoamento, numa incompletude que marca o movimento de ir e vir profissional.”

Diante desse entendimento, Furter (1974, p.79) afirma que a Formação Continuada se constitui como um: [...] processo ininterrupto de aprofundamento tanto da experiência pessoal como da vida coletiva que se traduz pela dimensão educativa que cada ato, cada gesto, cada função assumirá, qualquer que seja a situação em que nos encontramos, qualquer que seja a etapa da existência que estejamos”.

Assim, temos a necessidade dos educadores do USJ com a ampliação da consciência social e planetária para a responsabilidade, iniciativa, aspectos humanos, autonomia da Formação Continuada num movimento autossustentável, inconclusivo, dinâmico em que a amorosidade e o olhar luxuoso sobre si e sobre o outro permaneçam integralmente em suas ações. Luckesi (2003, p. 11) afirma que essa formação integral deve ocorrer quando afrouxar as suas próprias zonas de resistências e se abra:

(...) para uma lógica transdisciplinar que se deseja atuar na formação integral do ser humano, o que vai implicar numa formação que tem presente, ao mesmo tempo, a corporalidade, a mente e a espiritualidade, ou seja, aquilo que as tradições filosóficas sempre se serviram para definir o ser humano como um ser, que, ao mesmo tempo, é corpo, mente e espírito. Uma ótica transdisciplinar, para usar uma linguagem mais conhecida de todos nós, implica na inclusão de todas as linhas de desenvolvimento do ser humano: cognitiva, afetiva, emocional, espiritual, ética, social e criativa.

Assim, tornam-se possibilidades de espaços significativos para a Formação Continuada dos educadores das IES, quando respeitados seus aspectos humanos e que poderão vir a contribuir para a ampliação de consciência “que iluminará o desenvolvimento das diferentes dimensões do Ser Humano, tornando viável uma civilização global. A compreensão do sentido e do significado de ações de FC, provavelmente, nos encaminharão para outro estágio da humanidade na qual, em nossa visão mais otimista, poderá, quem sabe, predominar a consciência de integração, de interdependência e o reconhecimento de nossos processos de co-evolução” (PORTAL, 2012-2013).

Essa perspectiva é um desafio para os educadores do USJ, como relatado por um dos gestores: “Se a gente entender o USJ como a comunidade, não meramente como a política

institucional, percebemos que as pessoas têm mostra certa contribuição, integração, apesar das dificuldades vividas nestes sete anos de existência. Existe uma identidade voltada para o social desta instituição que acaba sendo o que mais se expressa, ou seja, a inclusão das cotas sociais. Claro que é isso que recebe maior investimento por parte do USJ se pensarmos num todo. No entanto os educadores investem sua energia vital nesta instituição porque querem vê-la tal como ela é, tal como ela foi concebida, e fazem de tudo para que ela continue assim, alguns têm opções de sair mas, acabam ficando porque acreditam não só mentalmente, acreditam porque têm um sentimento de carinho e investem para que isso aconteça.

Esse relato evidencia o desejo dos educadores do USJ. Esse entendimento parecer ser revelador, porque esse gestor é educador da instituição e ocupa os dois espaços (gestor/educador) que em alguns momentos são antagônicos e outros complementares às necessidades e desafios dos educadores.

O investimento na Formação Continuada a partir de uma perspectiva na complexidade estaria justificado pelos constantes apelos dos educadores do USJ pela Paz, Moralidade, Ética, Valores, Transparência, Participação e Sentido e Significado de suas ações. Assim, surgem as complexas e instigantes indagações: Que mundo é esse em que estamos querendo pensar, discutir e pesquisar? Para quê? Para quem? Por quê? Onde estamos nele? Por onde tem nos levado? A que custo? Que papel temos a desempenhar? Sentimentos, aliados a tantas outras adjetivações que tão bem caracterizam e retratam o cotidiano de nossos dias atuais e que insistentemente nos apontam e alertam para a nossa própria autodestruição.

Parece-nos, sim, que o USJ precisa se mostrar como um lugar privilegiado de diálogo, de exercício do livre arbítrio e de espaço propício para ampliação de consciência. Lugar, onde gestores, educadores e alunos, poderão encontrar condições para desdobrar suas potencialidades, ampliarem suas consciências, decidirem com responsabilidade sobre critérios de suas ações, realizando um desenvolvimento harmonioso de seu Ser, no equilíbrio de suas diferentes dimensões constitutivas, num processo transcendente de “tornarem-se”. “Um lugar onde seria interessante que nós conseguíssemos perceber que qualquer possibilidade de extensão, pesquisa, terapia, todas as atividades propostas, são um meio para nós tornarmos melhor como/quanto seres humanos.” Desse modo, “Formação Continuada é uma espécie de institucionalização, são conjuntos de atividades-meio para que cada um possa se tornar ser humano, fazer-se o ser humano”.

O USJ tem, sem dúvida, como instituição social, espaço de aprendizagem, investigação e formação, oportunidade de propiciar a construção de um novo modo de Ser,

incluindo, nesse processo compreensão, tolerância, respeito, consideração, amor, ética e paz que se nos desvelam os modos de ser próprios, de uma cultura transdisciplinar (Nicolescu, 2001) e exigem um desenvolvimento integral do ser, conforme propõe e privilegiam Catanante (2000), Yus (2002), Wolman (2001), Moraes (2004).

Esse termo “integral” não tem um sentido de uniformidade, completude, nem relação com a tentativa de eliminar as extraordinárias diferenças, mas, sim, o de significar a unidade na diversidade, compartilhar atributos comuns. Wilber (2003) conceitua “integral” como a ação de reconciliar, juntar as partes, integrar, unir e depois transcender. Para esse autor, a concepção integral passa pela concepção e ampliação da consciência humana ao considerar e entender o ser humano em suas diferentes dimensões: corpo, mente, coração e espírito, tecidas no equilíbrio da inseparabilidade de suas interações e inter-relações.

Acredito que esse Ser Humano de Inteireza, poderá contribuir com “[...] a construção de comunidades ecologicamente sustentáveis, organizadas de tal modo que as tecnologias e as instituições sociais em suas estruturas não prejudiquem a capacidade intrínseca da natureza humana de sustentar a vida”. (CAPRA, 2003, p. 17).

Temos consciência de que o preço que precisamos pagar pela exploração técnico/científica esteja pondo em risco a dignidade humana, justifica-se o interesse ora mencionado de questionar, por meio de um processo investigativo: a quem cabe a responsabilidade pela ampliação dessa consciência para formação da Inteireza desse Ser? Para um dos gestores, “O que impede o ser humano de se auto-conhecer é ele mesmo, mas precisamos passar por um processo de amadurecimento para conseguir conceber que existem dimensões na nossa existência que também são relevantes: a espiritual, a emocional (...), enfim. A coisa é mais sistêmica, em função das limitações que os indivíduos têm, cada um isoladamente, acabamos unidos mostrando uma limitação institucional. Institucionalizados com uma limitação pessoal. Em um primeiro momento o fundamental é o auto-conhecimento.”

Atualmente, o USJ tem o compromisso para com a sociedade de instigar as transformações da vida humana, propiciando espaços de integração do ser humano consigo mesmo, com o outro, com a sociedade, com a natureza para torná-lo mais harmônico, e contribuir com inovações por meio do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, em consonância com as exigências sociais do hoje e do amanhã. Considerando esse papel que as IES exercem, cabe aos docentes nelas atuantes tornarem-se agentes diretamente responsáveis por propiciar condições para atendimento a essa formação (autoformação).

Estaria o USJ e educadores sensíveis e atentos a esse chamado? Preocupados em relação a uma formação de inteireza, ao desenvolvimento das diferentes dimensões que nos constituem: corpo, coração, mente e espírito? Em que tipo de Formação Continuada estão investindo? Por quê? Pra quê? A favor de quem? Quais têm sido suas mais notórias repercussões? Como vêm respondendo aos interesses pessoais, profissionais e institucionais?

Para Moraes (2007, p. 83) essas questões nos remetem a educação transdisciplinar que se baseia no:

(...) reconhecimento do multidimensionalismo, vai além do racionalismo clássico e recupera a polissemia dos símbolos, a importância das emoções e dos sentimentos, além de recuperar a subjetividade e a intersubjetividade, assim como os valores, a intuição e a beleza de cada momento da vida. Imbricado, situa-se o plano prático (experencial) e neste a formação como projeto.

A consciência da responsabilidade do USJ e de nós docentes na formação do Ser Humano Integral dependerá do grau de ampliação de nossa própria consciência, pois estamos diante de “[...] uma encruzilhada: continuar refletindo no espelho o materialismo científico, o pluralismo fragmentário e o pós-modernismo desconstrucionista, ou olhar para além do espelho, escolhendo uma vereda mais integral, mais abrangente e mais inclusiva”. (WILBER, 2003, p. 11). Assim, cada qual:

(...) com sua ação (liberdade) e iniciativa, no horizonte de suas circunstâncias, irá “iniciar” algo novo, instituir sua trajetória, seu mundo, sempre atento ao olhar do outro e ao reconhecimento da alteridade e da diferença, essenciais na sua própria existência. Desse modo, tornam-se obra e ação coletivas, fundadas nas relações interpessoais.” (VON ZUBEM, 2003, p. 82)

Estaria o excessivo investimento no aspecto profissional, pelas exigências contextuais, ofuscando, quando não deixando no esquecimento, a correspondente e intrínseca condição de Ser pessoal desse profissional, evidenciado pelas manifestações características do contexto demandado atual que clama por paz, harmonia, ética, solidariedade e compaixão? A Formação Continuada é um fenômeno complexo porque é histórico, produto do Ser Humano, com desafios emergentes de vários contextos político, social, cultural, entre outros.

O desenvolvimento pessoal vem sendo preocupação de investimento em ações do USJ? Que repercussões acreditam se fazer presentes no exercício docente de seus educadores? Harmonia pessoal e profissional vem sendo uma necessidade buscada e suprida pela Formação

Continuada e vem sendo de interesse do USJ? Essas constantes indagações nutrem a categoria emergente analisada e nos remetem a pensar numa possibilidade de história para os próximos sete anos do USJ.

## CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Resultados de Pesquisa Universal “Educação Continuada uma possibilidade de um olhar sensível para a autoformação na busca de uma educação para a inteireza? (CNPq)” desenvolvida de 2009 a 2011 em oito universidades do Rio Grande do Sul, buscou saber como os educadores percebiam os Interesses das IES em suas ofertas de EC, deixando desvelar ser, na maioria delas, para atendimento voltado a uma exigência externa de avaliação institucional do que por interesse para atendimento a uma necessidade sentida. São ações reconhecidas muito mais pelo investimento na dimensão cognitiva/intelectual, em detrimento das demais: física, social, emocional e espiritual. Essa mesma consideração pode ser feita com relação ao Centro Universitário Municipal de São José que concentra seus investimentos em Formação Continuada nos aspectos externos.

Enfatizaram, os gestores entrevistados, serem oferecidas oportunidades de ações de caráter formal, centradas em capacitações externas e sem consulta prévia ou avaliação posterior dos educadores, chegando alguns depoimentos a alertar sobre a oferta de capacitações com temas que nada acrescentam ao exercício da docência, tornando-se desinteressantes e até desnecessárias. Além disso, evidenciaram ainda, os financiamentos em participação em Eventos científicos, está atrelada a aceitação de trabalho científico. Tais resultados denunciam a necessidade de maior sensibilização do USJ em seus investimentos, em propostas dessa natureza, que possibilitem a ampliação de Consciência de seus educadores, contemplando seu desenvolvimento nas diferentes dimensões que tecem sua Inteireza.

Contextualizando as necessidades dos educadores na perspectiva da transdisciplinaridade, é fundamental que o investimento não se dê apenas, pela demanda de uma sociedade instável e mutante, mas pelo fato de perceberem e entenderem o homem necessitar adaptar-se a novas maneiras de pensar, sentir, significar e agir, e, sobretudo, para que não perca sua essência. Assim, os gestores, precisam considerar a existencialidade no processo de formação numa grande rede em que aspectos cognitivos, experienciais, práticos, simbólicos, transcendentais e espirituais se interligam em todos os níveis de realidade,

compondo uma sinfonia integral, marcando sistemicamente as dimensões didática, experiencial e existencial dos educadores.

Nesse sentido, pensar a autoformação do educador, numa abordagem didática, experiencial e existencial, como expressão da vida, significa dizer que para retenção do Capital Intelectual do USJ e permanência de seus educadores é preciso reinventar a aventura da Formação Continuada levando-se em consideração, também, os aspectos humanos. Ao privilegiar os aspectos humanos, sem negar os políticos, culturais, epistemológicos e sociais da formação, podemos ressaltar que esses são potencializadores de sinergias que articulam o conhecimento não formal, experiência com o conhecimento formal, numa lógica interativa em que a ação (extensão), a investigação (pesquisa) e a formação (ensino) estão presentes.

Há evidências claras de que o USJ precisa se preocupar com o investimento no seu Capital Intelectual, no oferecimento formal de ações de Formação Continuada, não só em “cursos, seminários, palestras, capacitações docentes” que viabilizem um repensar de seus educadores sobre a responsabilidade, mas uma formação mais ampla que abarque também as necessidades internas desses educadores e coloque-o no centro de seus investimentos.

É fundamental que o USJ valorize a complexidade do processo de formação de seus educadores, numa abordagem centrada em um sujeito de “inteireza”, orientando-os individual e coletivamente, no exercício de ampliação de sua própria consciência com significativas repercussões para uma vida mais plena, digna de qualidade e com consequente maior qualidade no exercício profissional.

Além disso, é necessário ofertar um olhar luxuoso para as questões de autoformação como processo permanente no decurso da vida, num processo auto-hetero-ecoformativo que faz da formação um processo permanente, dialético, multirreferencial, transcultural e transdisciplinar, ampliando a compreensão de Formação Continuada enquanto princípio sistêmico, holográfico e *continuum* de desenvolvimento pessoal, profissional e integral de educadores.

Assim, é possível visualizar indicadores mais precisos dos educadores sua realização de Ser Humano num processo de transformação de sua consciência, como um recurso para a busca de sua essência, pois tornamo-nos conscientes de nós mesmos e, conhecer nossa verdadeira identidade é a chave para lidarmos com estes tempos de transformação que diante de nós se colocam.

Acredito, assim, transcendermos o falso racionalismo, aliando o desenvolvimento tecnológico e científico a uma sensibilidade ética, social e ambiental,

utilizada de modo atender necessidades sociais coletivas, pela compreensão do que nos faz únicos e, ao mesmo tempo iguais, em nossas divergências e singularidades, o que move nossas vidas, no sentido que damos a ela e como isso é proporcionado e vivido por nós nos mais diferentes ambientes em que estamos inseridos, nos quais nos são oportunizadas situações de Autoformação numa perspectiva de uma Educação para Inteira.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Compreendendo e construindo a profissão do professor – da história da profissão professor ao histórico profissional de cada professor.** Universidade de Aveiro: CIFOP, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas, ciência para uma vida sustentável.** São Paulo: Cultrix, 2003.

CATANANTE, Bene. **A gestão do ser integral: como integrar alma, coração e razão no trabalho e na vida.** São Paulo: Infinito, 2000.

FURTER, Pierre. **Educação Permanente e Desenvolvimento Cultural.** Petrópolis: Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. **Educação e Vida.** Petrópolis: Vozes, 1983.

GADOTTI, Moacir. **A Educação contra a educação.** 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

GALVANI, Pascal. **A Autoformação, uma Perspectiva Transpessoal, Transdisciplinar e Transcultural.** In: **Educação e Transdisciplinaridade II – CETRANS.** São Paulo: TRIOM, p. 95-121, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

KUJAWSKI, Gilberto M. **Filosofia: a razão a serviço da vida.** São Paulo: Nacional, 1985.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: política e poética da diferença,** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti; et. al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação.** São Carlos: EdUFSCar, 2002. 203 p.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico, educação, aprendizagem e cidadania no século XXI.** Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **A formação do educador a partir da complexidade e da transdisciplinaridade.** **Diálogo Educ.,** Curitiba, v. 7, n. 22, p.13-38, set./dez. 2007

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência.** 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOROSINI, Marília Costa. **Enciclopédia de Pedagogia Universitária.** Glossário Vol2. Brasília-DF, Brasil. INEP/MEC, 2006.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade.** São Paulo: TRIOM, 1999.

PINEAUG. Gaston, **Temporalidades na formação.** São Paulo: Triom (traduction de Temporalités em formation. Vers de nouveaux synchroniseurs, 2004.

SILVA, Ana Maria Costa. A formação contínua de professores: uma reflexão sobre as práticas e as práticas de reflexão em formação. **Educação e Sociedade**, campinas, v.21, n. 72, ago, 2000.

VEIGA, Ilma Passos A; RESENDE, Lúcia M. G.; FONSECA, Marília. Aulua universitária e inovação. in: VEIGA, Ilma Passos A e CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.) **Pedagogia universitária: a aula em foco.** Campinas: Papyrus, 2002. p. 161-191 ZABALZA, Miguel A. **Formação do docente universitário.** In: O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas. São Paulo: Artmed, 2003. p. 145-180.

WILBER, Ken. **Psicologia Integral: Consciência, Espírito, Psicologia, Terapia.** São Paulo: Cultrix, 2002.

\_\_\_\_\_. **Uma teoria de tudo: uma visão integral para os negócios, a política, ciência e a espiritualidade.** São Paulo: Cultrix, 2003.